



Companhia das Lezírias

# A Gestão Florestal da Companhia das Lezírias

## Sessão pública de divulgação

12 de Abril de 2012

### Acta da Sessão

Decorreu no dia 12 de Abril de 2012, pelas 18:00 horas, no Palácio do Infantado em Samora Correia, a sessão pública de divulgação com o tema “ A Gestão Florestal da Companhia das Lezírias em 2011”. Esta apresentação estava integrada no programa da sessão técnica de divulgação intitulada “Investigação Aplicada e Gestão Florestal na Companhia das Lezírias (CL)”.

O programa da sessão técnica era constituído pelas seguintes apresentações:

1. Diversidade de Aves e regulação da sanidade florestal;
2. Projeto TytoTagus: dispersão pós-natal da coruja-das-torres no Vale do Tejo;
3. Linhas de água de regime torrencial e biodiversidade do montado;
4. Diversidade e abundância de mamíferos na CL – resposta ao multiuso e às práticas de gestão;
5. Reforço das populações de coelho como medida de conservação de predadores;
6. Diversidade de plantas vasculares na CL;
7. O teor de humidade da cortiça em pilha no campo: a curva de secagem;
8. A gestão florestal da CL em 2011.

Os pontos abordados na apresentação da gestão florestal da CL em 2011 foram:

1. Características da Unidade de Gestão;
2. A Política Florestal;
3. A Produção Florestal:
  - O Montado
  - O Pinhal bravo
  - O Pinhal Manso
  - O Eucaliptal
  - A cinegética
  - Outras produções;
4. Proteção contra incêndios;
5. O Turismo;
6. Importância Socioeconómica;
7. Compatibilização da gestão com os recursos naturais;
8. A sustentabilidade;

9. A certificação da gestão florestal sustentável;
10. A norma FSC aplicada à CL;
11. Ideias-chave.

A seguir à última apresentação, a que assistiram cerca de 53 pessoas, foram colocadas algumas questões pela audiência.

A Professora Otilia Correia (FCUL) quis saber porquê e como é que a monitorização da recuperação vegetação nos corredores ecológicos poderá ser feita através das aves. Disse ainda que seria interessante ver essa monitorização ser relacionada também com o desenvolvimento vertical da vegetação. Perguntou ainda porque é que não incluíram a processionária e o nematode nas espécies de pragas monitorizadas no estudo de regulação da sanidade florestal.

Carlos Godinho (Labor) explicou que existem espécies que surgem habitualmente associadas às linhas de água e o que se deverá verificar é um aumento desses efetivos. Isto porque apesar de as linhas de água estarem lá, e devido ao seu estado de degradação, a matriz é sobretudo florestal pelo que as espécies que ocorrem são sobretudo as que seria de esperar nestes habitats.

Pedro Pereira (Labor) disse que os dados apresentados tinham sido recolhidos sobretudo numa altura do ano em que não é possível estudar essas pragas de insetos. Embora já tenham alguns dados, considerou-se que ainda não têm informação suficiente para na apresentação informação a este respeito.

Conceição Silva (APFC) questionou os presentes em relação à aplicabilidade destas ações em propriedades mais pequenas.

Carlos Godinho (Labor) disse considerar tão ou mais importante recuperar pequenas parcelas espalhadas no espaço e no tempo do que grandes intervenções pontuais.

Margarida Reis (FCUL) disse que é possível através de concertação entre proprietários de parcelas vizinhas.

Paula Gonçalves (FCUL) afirmou que uma redução de encabeçamento, só por si, origina resultados significativos.

Carlos Godinho (Labor) quis saber qual seria a possibilidade de englobar a parte ambiental, ou seja, as condições atmosféricas, na fórmula da curva de secagem da cortiça. E reparou que nas curvas de secagem das diversas pranchas analisadas, algumas tiveram subidas.

Augusta Costa (INRB) respondeu que ainda não é possível. As subidas nas curvas devem-se à precipitação que ocorreu nos últimos dias do estudo.

Otilia Correia (FCUL) quis saber se a variação na secagem das pranchas de cortiça podem estar relacionadas com a qualidade da cortiça.

Augusta Costa (INRB) respondeu que não tiveram essa questão em conta contudo a taxa de difusão dentro da cortiça é mínima. A água que a cortiça perde, não está nas células. Está sobretudo na zona da felogene.

Raquel Carvalho (Florestas Sustentáveis) considera que a indústria não tem a aceitação que se gostaria destes resultados apresentados por Augusta Costa. Perguntou ainda se há dados que deem uma ideia sobre a percentagem que os calços representam em relação ao total de cortiça extraída. E lança uma questão: - Como valorizar a cortiça sem calço em termos de diferença de preço.

Augusta Costa (INRB) respondeu que não há dados sobre tal percentagem e considera que seria benéfico para o sobreiro se o calço pudesse ser deixado na própria árvore.